

Testemunho: Permeabilidade

ANA NOGUEIRA

https://www.instagram.com/ananogueira_artist/

Resumo

Testemunho pessoal e reflexivo sobre o edifício da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Ana Maria Bettencourt¹ trouxe o melhor da arquitetura a Setúbal. A Escola Superior de Educação de Setúbal, projeto de Álvaro Siza Vieira, foi uma obra de natureza orgânica desde a sua conceção. A organicidade do edificado (e a sua envolvente) é a qualidade que torna a escola-edifício em obra de arte, no sentido dado por M. Merleau-Ponty, quando distingue um organismo vivo: a forma que anima o

Abstract

Personal and reflective testimony about the building of the Higher Education School of the Polytechnic Institute of Setúbal.

objeto de observação.

A permeabilidade é uma qualidade da comunicação. Interior e exterior interagem pelos vãos que se arrumam principalmente a NE. Este pátio contorna o sobreiro central do átrio de entrada, permanece visível no interior pelas inúmeras portas-janelas. É preciso dizer quão

¹ Ana Maria Bettencourt e Maria Emília Brederode dos Santos trabalharam em conjunto para que a escola pudesse ser projetada por Álvaro Siza Vieira.

importante este sobreiro é para a identidade da escola: logo à partida, determinou o próprio pátio, uma exigência óbvia para quem domina as quatro dimensões do mundo como Álvaro Siza Vieira, preservar o estado primitivo da natureza valoriza a construção; a orientação cardeal fornece soluções de iluminação natural nos espaços interiores; a cota terrestre possibilita a hierarquia dos espaços, das suas plataformas e a diversidade formal. Encontramos a escola com a sua envolvente, sempre.

Regressemos aos vãos, abertos em número considerável nos dois pátios que abrigam do sol extremo as salas de aula, rasgam completamente paredes no pátio SO, o das amendoeiras. Aqui, a luz solar ocupa o bar e o átrio de entrada no final do dia, o melhor momento para se ali estar a conversar, a ler, a escrever, a ser escola informal. Há cerca de trinta anos quisemos substituir um dos enormes vãos de vidro duplo por apresentar sinais de infiltração, na altura o fabrico era raro e difícil, a empresa propôs o impensável e sem garantias, portanto, foi recusado com a reação machista do técnico, ainda típica na altura, contra uma jovem mulher que lhe negava o serviço. Mas aqueles não eram “outros tempos”, porque após três décadas pressente-se um retorno, uma força chauvinista que quer

voltar a ser visível. Há coisas que devem permanecer fechadas, impermeáveis. O desenvolvimento humano é possível, não fossemos professores e acreditar no poder da escola pública, mas há fenómenos irracionais perenes, dizem respeito à bestialidade e dos quais só podemos gerir os seus efeitos violentos procurando bloqueá-los, ou seja, negando-lhes permeabilidade.

A comunicação dos espaços e dos elementos que os constituem facilitam a interação humana, é uma grande responsabilidade social que a Arquitetura tem, conseguida neste projeto. Desde logo, no seu desenho, Álvaro Siza reuniu com equipas pedagógicas para perceber o modo de construir em função das necessidades do currículo educativo. No princípio a formação inicial era de educadores do pré-escolar e professores do 1.º ciclo, as áreas e as soluções arquitetónicas foram pensadas para dar resposta a uma formação generalista e não especializada. Mais tarde, a escola acrescentou oferta educativa, as licenciaturas passaram a abranger as variantes de educação visual, educação musical e educação física. O edifício sofreu dores de crescimento, mas resistiu às solicitações específicas destes cursos. Verdadeiramente, o que interessa é a sua natureza artística, singular, de abertura à comunidade. Os inúmeros arquitetos visitantes,

japoneses, alemães, italianos, espanhóis, deambulavam pela escola, muitas vezes acompanhados por mim, ouvindo os instrumentos musicais tocados pelos alunos ou passando pelas oficinas de escultura, pintura, gravura que extravasavam a sala interior e ocupavam parte do pátio maior. Era assim que a escola acontecia, uns e outros acompanhavam os projetos criativos que de portas-janelas abertas se iam construindo. Os alunos intercursos conheciam-se e participavam em atividades culturais, talvez ainda aconteça na atualidade? Nas aulas de introdução à educação, disciplina lecionada por Ana Maria Bettencourt, promovia-se a compreensão da história através da discussão sobre fenómenos sociais (portanto políticos) da contemporaneidade. Futuros professores eram chamados a exercer a função de qualquer cidadão: consciência, responsabilidade e intervenção na melhoria da comunidade, pelo respeito dos direitos humanos. A defesa dos valores democráticos não pode ser adiada, a ação é premente. As praxes tinham ressurgido nos finais dos anos 80 e em força em meados dos anos 90 do século XX, após um período sem estas manifestações de poder que eram práticas dos estudantes de Coimbra durante a ditadura. Na Escola Superior de Educação de Setúbal, futuros professores exerciam o prazer da humilhação sobre

os alunos que ali chegavam pela primeira vez. Bastou refletir, pesquisar um pouco de história e perceber a urgência em intervir naquilo que era um comportamento tóxico e antidemocrático. Os conflitos, as ameaças não nos demoveram e foi preciso alunos virarem-se contra alunos, organizar debates, escrever manifestos e outros textos, propor alternativas às praxes. Durante quatro anos houve dignidade na receção aos novos alunos, pelo menos dentro da escola e no curso ao qual pertenci.

Participámos em iniciativas de esclarecimento sobre a despenalização do aborto, em 1998 estava prestes a acontecer o primeiro referendo com resultados vergonhosos (uma grande abstenção que fez adiar a resolução de um problema grave de saúde pública e principalmente, do direito da mulher ao seu corpo). Apenas em 2007, um segundo referendo permitiu iniciar o combate à discriminação da mulher por decidir interromper a gravidez. Em 2025 ainda há dificuldades no processo de interrupção voluntária da gravidez, uma lei de 2007 ainda por cumprir na sua plenitude e no entanto, assistimos ao reaparecimento de intenções antifeministas da extrema direita para caminhar contra a liberdade e autodeterminação individuais. Nada está garantido, nem a democracia que acreditávamos inabalável à

época, apesar de tudo.

O edifício-escola, ESE de Setúbal, permeável à experiência estética, que é o mesmo que dizer experiência ética, favoreceu a comunicação entre pares: interior/exterior; natureza/construção; espaço social/espaço psicológico; prática/teoria; aprender/fazer aprender. Se as zonas de circulação ou as áreas sociais são claramente valorizadas, pela dimensão e pela qualidade dos espaços na sua relação com a paisagem e iluminação natural, confirma-se a intencionalidade política (*polis* – vida em comum) da arquitetura, aliás, assumida pela escola de Ana Maria Bettencourt. Obrigada, professora.

Referências Bibliográficas

Merleau-Ponty, M. (2002). *Phénoménologie de la perception*, Paris: Gallimard

Nota curricular

Ana Nogueira foi estudante no curso de Professores do Ensino Básico na Variante Educação Visual e Tecnológica entre 1995 e 1998 na ESE de Setúbal e professora de 1999 a 2004, na mesma escola.